



Anais do V Congresso Nacional de pesquisadores em Dança
ANDA 2018 / Manaus
ISSN 2238-1112

Para citar esse documento:

CALLEGARIO, Mariana Cunha. Outras pistas para a memória: questões sobre o corpo e a cidade. *V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança*. Manaus: ANDA, 2018. p. 571-582.



www.portalanda.org.br



OUTRAS PISTAS PARA A MEMÓRIA: QUESTÕES SOBRE O CORPO E A CIDADE.

Mariana Cunha Callegario *

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo trazer pensamentos sobre traços da memória da cidade de Nova Iguaçu, desde sua transformação histórica até o momento atual, e respectivamente sobre esses corpos que habitam a cidade. Essa cidade, considerada o corpo urbano, passa a ser experimentada por esses corpos, não mais caracterizada apenas como um espaço físico com o objetivo de ser ocupado, mas uma continuidade dessas corporalidades. Com isso, analisar as relações que a mesma traça com esses corpos, propondo o surgimento de pistas para pensar essa construção de uma memória Iguaçuana que estaria diretamente ligada a relação do corpo e a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: MEMÓRIA. CORPO. DANÇA. CIDADE.

OTHER CLUES TO MEMORY: QUESTIONS ABOUT THE BODY AND THE CITY

ABSTRACT: The present work has as objective to bring thoughts about traces of the memory of Nova Iguaçu's city, from its historical transformation to the present moment, and respectively about these bodies that inhabit the city. This city, considered the urbanbody, is now being experienced by these bodies, no longer characterized only by physical space in order to be occupied, but a continuity of these corporealities. With that, to analyze the relations that they trace with these bodies, proposing the emergence of clues to think this construction of a memory for the Nova Iguaçu people, that would be directly linked to the relation of the body and the city.

KEY-WORDS: MEMORY, BODY, DANCE, CITY.

Realização:



GOVERNAL DO ESTADO DO AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE MANAUS



Fomento:

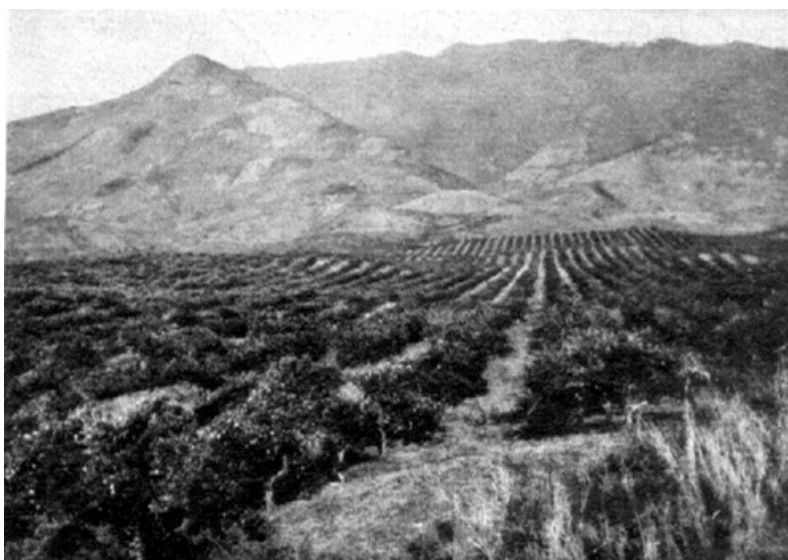




A cidade

Nova Iguaçu é um município da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro que ocupa uma área de 517,995 km², possuindo população estimada de 797.435 habitantes¹. Desde os tempos da conhecida colonização, acredita-se que a cidade era habitada por índios de tribo local, que foram devastados para que a industrialização chegasse a essas terras. Considerada a maior produtora e exportadora de laranjas do país, Nova Iguaçu ficou conhecida como a “cidade perfume” e, por conta desse fato, trouxe diversos trabalhadores de outros estados para somarem na produção, que era de escala considerável.

Fotografia 1 – laranjais iguaçuanos



Fonte: Jornal Hoje. Disponível em: <http://jornalhoje.inf.br/wp/?p=17594>. Acesso em: 25 de jul. 2017.

A cidade, pertencente à baixada fluminense, teve extrema importância para o desenvolvimento do Estado, logo que, foi criada uma linha férrea exclusivamente para

¹ Dados obtidos pelo IBGE.

Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=330350&search=rio-de-janeiro|nova-iguacu|infograficos:-informacoes-completas>. Acesso em: 20 jun. 2017.

Realização:



Apoio:



GOVERNADOR
ESTADO DO AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Associação Manauense de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





transportar os trabalhadores que moravam em Nova Iguaçu para o centro da cidade (RJ) e também serviu como rota de passagem e de distribuição da produção agrícola que vinha do centro do Rio de Janeiro. Além disso, o desenvolvimento agrícola da região esteve presente desde que foram concedidas as primeiras sesmarias do local. Os cursos fluviais que existiam na época, não só fertilizavam as terras, mas também serviam de via de comunicação com a cidade do Rio de Janeiro, para onde eram escoadas todas as produções.

Situada à margem do Rio Iguaçu, chegou a tornar-se um dos empórios da cidade do Rio de Janeiro, fazendo chegar seus produtos tanto por via fluvial como por via terrestre. Com todo esse progresso da Região o governo concedeu-lhe autonomia, efetivada por decreto em 15 de janeiro de 1834. Com isso a região movimentou grande parte do comércio e da criação de novos empregos fazendo assim com que, até os dias atuais, o município se tornasse o 5º que mais movimenta a economia comercial do estado, e partir disso, atualmente a cidade é considerada como ícone no comércio para as cidades vizinhas.

Fotografia 2 – Nova Iguaçu 1940



Fonte: <http://novaiguacu-online.blogspot.com.br/2011/12/nova-iguacu-e-sua-historia.html>. Acesso em: 26 de

Realização:



Apoio:



GOVERNALCE
ESTADO DE CAXIAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





jul. 2017.

Fotografia 3 – Nova Iguaçu atual



Fonte: <http://novaiguacu-online.blogspot.com.br/2011/12/nova-iguacu-e-sua-historia.html>. Acesso em: 26 de jul. 2017

Nova Iguaçu conta com inúmeros resquícios possuidores de memória. É possível encontrar, em um pequeno passeio pela cidade, lugares formados por formosas reservas ambientais, e os históricos, formados por ruínas de monumentos que fizeram parte da criação da cidade. Dentre eles podemos citar:

Os Ambientais

1. Serra do Tinguá;
2. Serra do Vulcão;
3. Parque Municipal de Nova Iguaçu;
4. Morro do Cruzeiro;

Os Históricos

1. Fazenda São Bernardino;
2. Igreja de Santo Antônio de Jacutinga;

Realização:



Apoio:



GOVERNALCE
ESTADO DE CAXIAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





3. Igreja de Nossa Senhora do Marapicu;
4. Torre Sineira da Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú;
5. Porto da Piedade do Iguaçú;
6. Capela do Engenho da Posse;
7. Igreja de Santo Antônio da Prata;
8. Estrada de Ferro e Reservatório Rio D'Ouro;
9. Antiga Estação Férrea de Jaceruba;
10. Antiga Estação Ferroviária de Tinguá;
11. Antiga estação de Vila de Cava;
12. Hospital de Iguassu.

A partir de um estudo pontual sobre a cidade, é possível observar inúmeros aspectos que possibilitam analisar características que coloquem Nova Iguaçú como uma região de suma importância para a organização de uma memória local. Porém, são espaços que carecem de incentivos públicos e políticas educacionais que os considerem patrimônio material da cidade, sendo, a maioria deles deteriorados e abandonados.

Mas por qual motivo a população mais jovem da cidade se quer tem o conhecimento desses fatos? Qual seria a importância/necessidade de revisitação da memória desses lugares/vestígios para o reconhecimento da cidade?

Tendo em vista tais informações, inicialmente teria de haver possíveis pistas para que esses lugares ganhassem visibilidade e valor entre os indivíduos Iguaçuanos e se tornassem possíveis disparadores de memória.

Realização:



Apoio:



SECRETARIA
ESTADUAL DE CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. (NORA, 1993, p. 13)

Nora parte do princípio de uma mnemotécnica, ou seja, traça um pensamento sobre a associação de lugares físicos à memória. Segundo o autor esses lugares de memória estariam divididos em três vertentes. O primeiro seria o lugar físico, constituído por uma âncora geográfica – museus, casas, monumentos -, o segundo seria o funcional, constituído pelos materiais que alicerçam a memória – manual, livros –, e o terceiro seria o simbólico, trazendo uma atribuição do sagrado ao objeto em questão – cores de uma bandeira, um minuto de silêncio.

Para Nora (1993), esses “lugares de memória” seria o ponto em torno do qual se cristaliza uma memória nacional. Um local socialmente construído a partir de um processo sócio histórico.

Segundo Gonçalves (2012) Uma outra nuance também é perceptível, e se refere à vontade de memória, antes apontada como fundamental para a constituição dos lugares: ao lado da “vontade dos homens” é posto o “trabalho do tempo”. (p. 34) Como visto nas imagens apresentadas anteriormente, a cidade de Nova Iguaçu passou por diversas transformações com o passar do tempo. Logo, esse “trabalho do tempo” foi tecendo a passagem das laranjas ao comércio e industrialização. Uma região que girava em torno de uma questão voltada à agricultura e plantio de laranjas transforma-se numa cidade urbanizada/industrializada e uma das que mais movimentam o comércio do estado. Como manter viva uma vontade de memória a partir desses lugares, que visivelmente, não teriam o mesmo significado para as gerações atuais?

Robin (2014), em sua obra “Sítios de memória e intercâmbio de lugares”, apresenta alguns pensamentos que poderiam contribuir para essa pergunta. Para a autora existem os

Realização:



Apoio:



Fomento:





“lugares de memória” e a memória dos lugares – sendo esta uma maneira mais eficaz de revisitação do passado.

Para Robin (2014) existem os lugares autênticos, aqueles que são precisamente os lugares onde os acontecimentos tiveram lugar. Segundo a autora esses lugares poderiam se caracterizar também como “lugares de turismo”. Sendo assim, não haveria sentido algum para a população Iguaçuana entrar em contato com uma memória, que aparentemente, não faz parte de seu cotidiano. Pensando nisso, uma saída possível para a fuga de uma mera representação, seria a reexperimentação.

Entendendo que não existe um “passado puro”, uma alternativa seria conhecer diferentes modos de presença desse passado, que não seja o próprio passado ou um lugar cristalizado. Construindo assim uma pós-memória a partir de um novo contato com essa memória, mesmo que haja um distanciamento entre os indivíduos e os fatos. Em contrapartida ao pensamento de Nora e seus “Lugares de memória”, podemos analisar a possibilidade de criação dessa memória a partir de outros suportes, assim como apresenta Regina Abreu (2016) em sua obra *"Memória social: itinerários poéticos-conceituais"*, como coisas, objetos, narrativas orais, performance. E através disso, entender o corpo como parte desse suporte de criação.

Pensando nessa concepção de Nora, Gondar (2016) também apresenta uma crítica, que seria a maneira de Nora ler o presente em forma de declínio, onde o mesmo desconsidera as mudanças experimentadas no presente, considerando que as mesmas não poderiam ser positivas para a construção dessa memória desejada. Segundo Gondar (2016), mesmo que algumas formas de memória se retraiam na atualidade - nacional ou comunitária -, é preciso admitir que outras ganham força - memória digital, dos fluxos, das mídias, do corpo e dos vestígios -.

Realização:



Apoio:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Fundação Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:





A memória, o corpo e a cidade

Tomaremos em consideração a criação de uma memória entrelaçada ao corpo como forma de desvendar o processo de rememoração.

Essa memória em movimento, implica diretamente numa desconstrução de paradigmas pré-estabelecidos, sendo um deles o tempo. Passado, presente e futuro, numa constante linearidade, como norteadores do conhecimento, trazendo a memória como uma tentativa de reproduzir no presente um passado distante, esse seria um dos erros ainda praticados. O corpo do agora, não experienciou as memórias passadas da cidade, logo, é preciso reestabelecer uma forma de ressignificar essas memórias no aqui e agora.

A escassez de documentos sobre uma trajetória ligada à cultura da cidade é algo que ainda incomoda os pesquisadores. Nova Iguaçu, não diferentes de outras cidades da baixada fluminense, carece de materiais para a fundamentação de uma memória da cidade. Seria isso um grande problema? É necessário que se tenha algo escrito como comprovação da memória Iguaçuana?

Tendo isso em questão, decorre de toda uma postura com relação à história e às configurações socioculturais, que privilegia a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu, logo, a memória se torna presente e se corporifica a partir do relato da persona que a experienciou. Com isso poder pensar, segundo Setenta (2008), nessa “fala construída no corpo e pelo corpo” (p.143).

A corpografia é uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia, daí corpografia), ou seja, parte da hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente. (JACQUES, 2008. p. 2)

A memória da cidade está em cada corpo que por ali passa, nessa relação de troca. Quem passa deixa algo por lá e absorve um pouco da cidade em si. Logo, isso implica nessa reexperimentação da memória a partir dessas trocas, onde a cidade inscreve suas marcas nos

Realização:



Apoio:



Fomento:





corpos e os corpos transformam essa cidade.

Segundo Jacques (2008),

A cidade não só deixa de ser cenário, mas, mais do que isso, ela ganha corpo a partir do momento em que ela é praticada, se torna “outro” corpo. Dessa relação entre o corpo do cidadão e esse “outro corpo urbano” pode surgir uma outra forma de apreensão urbana e, conseqüentemente, de reflexão e de intervenção na cidade contemporânea. (p. 2)

Esses corpos que habitam a cidade, segundo Jacques, os “praticantes da cidade”, a transformam à medida que vivem a mesma, fazendo com que ela deixe o seu papel de simples cenário. Essa cidade, considerada o corpo urbano, passa a ser experimentada por esses corpos, logo, inscreve-se como ação perceptiva, sobrevivendo e resistindo nesses corpos que a praticam.

Pensar nessa relação de vivências do corpo a partir de suas trocas com esse ambiente urbano, pode ser uma das pistas para revisitação dessa memória, entendendo esse papel de “dar corpo” à cidade pelo simples fato de percorrê-la e ocupar seus espaços. Talvez essas corporalidades possam não estar visíveis, porém, não representá-las não as tornam menos latentes dentro de um pensamento sobre essa revisitação da memória.

Talvez essa tentativa de representação de uma memória não experienciada possa gerar conflitos dentre os indivíduos que habitam atualmente a cidade de Nova Iguaçu, através da possível espetacularização de uma memória que não faz parte do cotidiano dessas pessoas. Mesmo entendendo essa memória Iguaçuana – dos laranjais à industrialização – como um fator potente dentro dos caminhos percorridos na construção da memória da cidade, sendo necessária uma valorização desses vestígios, porém, é possível observar essa memória por um outro olhar, um olhar que se distancia da mera representação e ressignifique o contato com essa memória. Uma possível saída, segundo Jacques (2008), seria pensar numa cidade vivida, que sobreviveria a este processo no corpo das pessoas que a experienciam. Seria o pensamento de construção de uma possível memória conjunta, uma memória da experiência

Realização:



Apoio:



Fomento:





que, para se tornar viva, necessita dessas relações mútuas entre seus corpos.

Ao pensarmos nessa atualidade contemporânea urgente onde as informações chegam facilmente até nós e também são perdidas com a mesma facilidade, onde só é possível enxergar corpos “hiperinformatizados”, pouco preocupados com a duração das coisas, as relações experienciadas de fatos se diluem. Os corpos não se demoram em seus fazeres.

Michel de Certeau, em seu livro *A invenção do cotidiano*, nos fala daqueles que experimentam a cidade, que a vivenciam de dentro, ou “embaixo” como ele diz, se referindo ao contrário da visão aérea, do alto, dos urbanistas através dos mapas. Ele os chama de praticantes ordinários das cidades. De Certeau nos mostra que há um conhecimento espacial próprio desses praticantes, ou uma forma de apreensão, que ele relaciona com um saber subjetivo, lúdico, amoroso. (JACQUES, 2008. p.7)

Relacionando esse pensamento ao que se diz respeito à memória da cidade de Nova Iguaçu, pode-se pensar na relação que Jacques (2008) apresenta como sendo as características do ato de experienciar a cidade. A primeira estaria ligada as possibilidades de se perder, se afastando desses reconhecimentos a partir de mapas e planos, indo em direção à desorientação. Em seguida surgiria a característica da lentidão, um movimento contrário a ritmo veloz imposto pela contemporaneidade. E por último a própria corporeidade e a contaminação desses indivíduos entre seu próprio corpo e o corpo da cidade.

Dentro desse processo, Jacques aponta três relações espaço-temporais distintas. Orientação, desorientação e reorientação. Onde desterritorializar seria o momento de passagem do territorializar ao reterritorializar. Talvez essa possa ser outra possível saída dessa revisitação da memória Iguaçuana, um processo em que os indivíduos saibam de sua memória, porém, se desorientem e se reorientem dentro desse entendimento de incorporar essa memória para que essas informações ganhem sentido.

Realização:



Apoio:



Fomento:





Considerações finais

Findando esses pensamentos sobre o corpo e sua relação com a memória da cidade, mais especificamente um corpo Iguaçuano, é possível observar que a cidade e esse corpo encontram-se em um processo interativo, articulando uma geração de sentido constante que não necessariamente precisa ser representado. Porém, é latente e, mesmo que não seja perceptível, tatua essas memórias nesses corpos.

Estar pensando Nova Iguaçu como uma continuidade relacional entre a memória e o ambiente em si, propõe que haja um estudo sobre esse corpo específico, que se constrói a partir da síntese de padrões sensoriais e motores que foram experienciados a partir dessa relação com a cidade. Assim como a cidade se tornaria a síntese resultantes dos padrões de ação corporal dos seus habitantes.

Logo, a cidade não será mais caracterizada apenas como um espaço físico com o objetivo de ser ocupado, mas uma continuidade dessas corporalidades inúmeras vezes emudecidas.

Referências

ABREU, Regina. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. p. 41-66.

GONÇALVES, Janice. **Pierre Nora e o tempo presente**: entre a memória e o patrimônio cultural. Disponível em:

<http://www.academia.edu/15338469/Pierre_Nora_e_o_tempo_presente_entre_a_mem%C3%B3ria_e_o_patrim%C3%B4nio_cultural>. Acesso em: 02 de jul. 2107.

GONDAR, Jô. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus**: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. P. 19-40.

Realização:



GOVERNADOR
ESTADO DO AMAZONAS



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Fundação Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento:



JACQUES, Paola. B. **Corpografias urbanas**. In IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. 2008.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC. v. 10, n. 10, dez/1993, p. 7-28.

RÉGINE, R. (2014) **Sítios de memória e intercâmbios de lugares**, Clepsidra. Revista Interdisciplinária de Estudios sobre Memoria, Buenos Aires. Disponível em: <<http://ppct.caicyt.gov.ar/index.php/clepsidra/article/view/Robin/pdf>>. Acesso em: 15 de jul. 2017.

SETENTA, Jussara S. **O fazer dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador, EDUFBA, 2008.

XAVIER, Renata F. **Arquivo de Dança: um exemplo**. In ENGRUPE dança 2011. Disponível em: <<http://engrupe.cooperacdanca.org/index.php/engrupe/engrupe-n3/schedConf/presentations>>. Acesso em: 4 de jul. 2017.

*Mariana Cunha Callegario (mari.callegario@yahoo.com.br) – Bacharel em Teoria da Dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestranda em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e artista colaborador no grupo de pesquisas História da Dança Cênica no Brasil: reflexões acerca da historiografia (DAC-UFRJ).

Realização:



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

MANAUSCULT
Fundação Municipal de Cultura



PREFEITURA DE
MANAUS



Fomento: